

**economia**

# Primeira fábrica de fertilizante fosfatado do RS inaugura hoje

Atividade será desenvolvida nas cidades de Caçapava do Sul e Lavras do Sul



MÁRCIO SAPPER/DIVULGAÇÃO/JC

Licença ambiental de operação do Projeto Fosfato Três Estradas foi entregue em meados de maio

**/ MINERAÇÃO**

Jefferson Klein

jefferson.klein@jornaldocomercio.com.br

O começo oficial da produção do primeiro fertilizante fosfatado feito no Rio Grande do Sul será celebrado hoje. Chamado de Pam-pafos, o insumo que será utilizado pelo setor do agronegócio será fabricado pela Águia Fertilizantes em dois municípios: Caçapava do Sul e Lavras do Sul.

A operação da empresa inicia agora em uma planta alugada, em Caçapava do Sul, e, em 2027, começará a construção de uma uni-

dade própria, em Lavras do Sul. Em princípio, o complexo terá uma capacidade para 120 mil toneladas ao ano, entretanto o planejamento da Águia Fertilizantes prevê o aumento desse potencial futuramente. A companhia já investiu cerca de R\$ 230 milhões no empreendimento e pretende também fazer novos aportes.

A licença ambiental de operação do Projeto Fosfato Três Estradas, como foi batizado o complexo da Águia Fertilizantes, foi entregue em meados de maio. A secretária do Meio Ambiente e Infraestrutura, Marjorie Kaufmann, reforça o fato de que se

trata de uma operação inédita no Rio Grande do Sul.

Ela acrescenta que é muito importante desenvolver essa cadeia de fertilizantes dentro do Estado. “Em momentos que a gente tem guerras e conflitos internacionais, se vê reforçada a necessidade de ter competitividade”, enfatiza Marjorie. De acordo com a secretária, a nova produção será relevante tanto para o Rio Grande do Sul quanto para outras regiões do Brasil, ou até mesmo para nações vizinhas, que precisam de mais oferta de fertilizantes para atender à demanda do setor do agronegócio.

## Fontes renováveis avançam devagar na matriz do RS

**/ ENERGIA**

A relevância das fontes renováveis de energia no Rio Grande do Sul, assim como no Brasil e no planeta, vem crescendo nos últimos anos, no entanto ainda é um progresso feito lentamente. A constatação é do Balanço Energético do Estado do Rio Grande do Sul (Bergs), referente ao período de 2015 a 2024, apresentado recentemente pela Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura (Sema).

O estudo leva em consideração não apenas a energia elétrica (que é amplamente renovável no Rio Grande do Sul e no País) proveniente de complexos como hidrelétricas e termelétricas, mas também outros insumos energéticos, como o óleo diesel e a gasolina, utilizados no segmento de trans-

portes. De acordo com o levantamento, em 2010, o Rio Grande do Sul possuía uma participação de 69% de fontes de energia não renováveis (como petróleo, gás natural, carvão, entre outras) em sua matriz energética e 31% de renováveis (como hidreletricidade, eólica, fotovoltaica e demais).

No mesmo ano, a matriz brasileira era composta por 51,5% de não renováveis e 48,5% de renováveis, e no mundo era composta 87,4% não renováveis e 12,6% renováveis. Já em 2024, a matriz energética gaúcha passou a ser de 66,3% não renováveis e 33,7% de renováveis, o Brasil 50% a 50% e o mundo 85% não renováveis e 15% renováveis. No território gaúcho, naquele ano, o maior consumo final de energia ocorreu no segmento de transportes (46,8%), seguido

da indústria (19,4%).

O assessor do departamento de energia da Sema, Eberson Silveira, que atua na montagem de balanços energéticos desde a década de 1980, frisa que se trata de um trabalho muito complexo. “Porque ele envolve 40 fontes (de energia), cada uma com suas peculiaridades”, enfatiza o especialista.

A iniciativa, destaca Silveira, serve de base para o planejamento energético. “Não se planeja o futuro sem ter um histórico do passado”, argumenta o integrante da Sema. Por meio do balanço, entre outros pontos, Silveira diz que é possível apontar desequilíbrios entre oferta e demanda de energia, assim como mensurar e organizar de forma sistemática as informações sobre diferentes fontes de energia e seus usos.



**Gerson Anzzulin**  
atencaonoseguro@gmail.com

Atenção no seguro

INFORME PUBLICITÁRIO

### Resseguro

A 9ª edição do Encontro de Resseguro do Rio de Janeiro ocorreu nos dias 19 e 20 de maio, no Windsor Convention & Expo Center, na cidade do Rio de Janeiro. Este é um dos mais importantes fóruns de discussão do mercado de seguros e resseguros da América Latina. O evento se consolidou como um espaço estratégico para troca de conhecimento, análise de tendências e debates regulatórios.

Conforme a presidente da Federação Nacional das Empresas de Resseguros, Rafaela Barreda, o evento é um espaço importante para aprendizado, discussão dos temas atuais e conexão com os atores do segmento. Ela disse que o mercado de seguros e resseguros, não somente o brasileiro, vive um momento de transformação por conta de riscos graves, como os que envolvem as mudanças climáticas e as questões geopolíticas.

Em relação aos avanços regulatórios, Rafaela ressaltou que o setor ainda enfrenta dificuldades com a aplicação da nova Lei do Seguro. “A norma tem impacto nos grandes riscos. As adaptações necessárias estão relacionadas a relação contratual entre seguradoras e resseguradoras”.

O clima foi ponto de destaque nos debates. Na avaliação de Rafaela Barreda, o Encontro mostrou que existe um grande alerta na sociedade sobre a percepção de risco. “O risco e a ameaça climática vem mudando nos últimos anos de uma forma muito rápida e forte. O impacto não é suave, é praticamente catastrófico. O evento apontou que não estamos mais falando somente de pautas de sustentabilidade, mas de sobrevivência, resiliência e infraestrutura mais apropriada para o enfrentamento deste tipo de situação, assim como a revisão e o mapeamento de regiões que possam estar mais sujeitas a esses riscos”, afirmou.

A presidente da FENABER destacou que o mercado de resseguros tem um papel estratégico de proteção financeira para o desenvolvimento do país. Lembrou que quando se fala em obras de infraestrutura, operações de grandes empresas, como as de energia, que demandam coberturas de altos valores, não necessariamente a seguradora tem capital financeiro suficiente para oferecer sozinha essa cobertura. “Ao oferecer sozinha, estaria correndo um grande risco. Nesta situação, ela faz uma pulverização deste risco através do resseguro, dividindo essa responsabilidade”.

Conforme Rafaela Barreda, as carteiras mais usuais do resseguro são as de propriedade e operações das empresas (marítima, aeronáutica e petróleo). “Para outras carteiras, como as de vida e automóvel, a proteção do resseguro pode ser para eventos catastróficos, aqueles onde ocorre um acúmulo de exposição e a seguradora está sujeita a uma perda maior do que ela considera normal dentro da sua operação”, concluiu.

A próxima edição do Encontro de Resseguro do Rio de Janeiro está prevista para acontecer em 2028.



CRÉDITO: DIVULGAÇÃO FENABER

Rafaela Barreda: “O mercado vive um momento de transformação”

Proteção

começa sempre com **informação.**



Siga o SINDSEGRS nas redes sociais para conhecer tudo sobre o Mercado Segurador, de forma didática e envolvente.


